

**A INFÂNCIA E O FANTÁSTICO NOS CONTOS: A MENINA, AS AVES E O SANGUE, DE MIA COUTO E A MENINA DE LÁ, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA: UM ESTUDO COMPARATIVO.**

João Batista Teixeira (UEPB/PPGLI)  
Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI)

O trabalho que segue alinha-se aos estudos de Literatura Comparada no que diz respeito aos contos: *A menina, as aves e o sangue* do escritor moçambicano Mia Couto e *A menina de lá*, do autor brasileiro João Guimarães Rosa. O estudo focaliza como se dão as situações em ambas as literaturas os aspectos de *Infância e o fantástico* nas personagens em seus territórios culturais. Apoiamos as discussões nos teóricos que delimitam os estudos de literatura comparada como Tânia Carvalhal (2006) e outros, assim como os autores que versam acerca das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Bezerra (2007) Afonso (2004) e Tzevtan Todorov sobre o fantástico na literatura. Observamos como as meninas aparecem em seus espaços culturais envoltas naquilo que a crítica denomina de *fantástico* na literatura, como as situações as aproximam, como infâncias e também como se diferenciam de acordo com as crenças que envolvem os seus familiares e o sociocultural de cada literatura.

Palavras - chaves: Literatura comparada, Infância, Fantástico.

1. *Mia Couto e João Guimarães Rosa: Notas introdutórias*

Adentrar o campo da literatura de Mia Couto nos põe frente a questões diversas, tais posicionamentos suscitam muitos estudos em torno de sua obra, seja uma aproximação com a natureza, a nação descrita em metáforas, os indivíduos imersos naquilo que Hall (2003) denomina identidades culturais, e assim as pesquisas se difundem em torno de uma ficção moderna e ao mesmo tempo calcada nos elementos da tradição. Um trânsito cultural entre modernidade e tradição se efetivam na literatura de Mia Couto, textos esses que não se fecham no seu sociocultural, mas dialoga também com a literatura brasileira, à medida que similitudes e diferenças podem ser percebidas entre a literatura de Mia Couto e do celebrado autor brasileiro João Guimarães Rosa.

Destacamos nesse estudo, um estudo, uma comparação entre os contos, *A menina, as aves e o sangue*, de Mia Couto, da coletânea *Antes do Nascer da Terra*, 2<sup>a</sup>.edição da Editorial Caminho(1997) e *A menina de lá*, de João Guimarães Rosa, da seleção de contos: *Primeiras Estórias*, 50<sup>a</sup> edição, Ediouro (2011).

Cotejam-se tais literaturas pelas aproximações nas temáticas, tais como: a terra, a natureza, o ser humano em suas diversas travessias e caminhos, e com destaque nessa pesquisa, a presença da criança e dos aspectos do fantástico em ambas as literaturas. Já é de conhecimento da crítica o interesse nas literaturas de Mia Couto e João Guimarães Rosa por apresentarem situações e temáticas que as aproximam. Esse trabalho nasce das leituras feitas em torno dos elementos que une e dissocia essas literaturas.

Mesmo sendo literaturas feitas a partir da língua portuguesa, elemento que une as formas de narrar dos autores em destaque, vale lembrar que o sociocultural de ambos os países evidencia as diferenças nos diversos aspectos da vida, a morte, o silêncio, a savana, e o sertão terão cada qual seu significado para o homem que alimenta e produz tais literaturas.

Mia Couto tem se destacado no cenário das literaturas africanas de língua portuguesa com textos que discutem a nação moçambicana em seus diversos aspectos, sua escrita apresenta as aldeias, vilas e um povo afeito a terra e suas tradições. Sua produção o tem colocado na condição de um dos escritores mais vendidos em língua portuguesa, uma literatura que se move nos temas atuais como política, neocolonialismo, condição da mulher, entre outros temas que fazem de seus contos e romances um encontro com o sociocultural moçambicano em seus matizes, sim, uma literatura com cores, com um forte apelo de denúncia social e de valorização do povo africano e naturalmente de sua Moçambique.

Sobre a relevância da literatura de Mia Couto, destacamos que:

A pertinência de um autor como Mia Couto se dá na medida em que se pensa como um escritor que é mais velho que seu próprio país, toma para si uma influência da literatura e cultura brasileira, e mostra de forma aguda, em seus livros, como as nações do mundo são menos nacionais, o cidadão é menos dono de si, daí a relevância de um sentimento de fraternidade e de responsabilidade com o outro. NEGREIROS (2012, P.98)

Sua obra se volta a indivíduos que nos caminhos e descaminhos de uma nação que se ergue em meio aos escombros, com personagens deslocados, absorvidos no tempo, num silêncio de quem se isolou da realidade, como estratégia de não sofrer, ou amenizar as marcas do sofrimento, das mazelas da guerra civil, das secas que assolaram por anos o território moçambicano.

Temos nessa categoria o velho Silvestre Vitalício do romance *Antes de nascer o mundo* (2009) que se isola num território imaginado e se mantém contrário a qualquer forma de contato com o mundo exterior, um dos exemplos de tantos personagens de seus romances e contos que apresentam essa condição.

Seguindo com tais temáticas nos voltamos à literatura brasileira com o João Guimarães Rosa, mineiro de Cordisburgo, dono de uma literatura que apresenta o ser humano em confronto com suas inclinações, tanto para o bem como para o mal.

O sertão mineiro é o espaço por excelência em que João Guimarães Rosa irá ambientar seus personagens. Sua obra mais célebre, *O Grande Sertão Veredas* tem suscitado pesquisas diversas o que imprime a obra o seu valor frente à teoria e crítica literárias.

Riobaldo e Diadorim representam a grandeza da linguagem popular impressa na literatura de forma a tornar o autor um estudioso de linguagem, quando o mesmo passa para os personagens a capacidade de dizer e fazer isso num contexto que imprime a literatura brasileira e em especial a literatura dele, João Guimarães Rosa um caráter inovador, próprio, que o destaca em sua produção e como homem de seu tempo.

Seus contos, romances e novelas retratam a essência humana de forma tão particular, reunindo em suas obras um misto de busca pelo sagrado, pela essência humana em diálogo com o cosmos, com as forças da natureza e da natureza humana revelando o que há de bom e de ruim no próprio homem, sem esquecer a aula de brasilidade, de como ao se deparar com os seus personagens se tem a dimensão do que seria esse país tão vasto e tão cheio de surpresas como o próprio sertão detalhado por João Guimarães Rosa.

## *2. Literatura Comparada e Aspectos do Fantástico*

Tânia Carvalhal ao falar sobre literatura comparada, cita Tasso da Silveira (p.15), o mesmo diz que

em literatura comparada procede-se a comparações de caráter especial e com finalidade positiva. Com a finalidade, extremamente fecunda para a história do espírito, de verificar a filiação de uma obra ou de um autor a obras e autores estrangeiros, ou de um momento literário ou da literatura interna de um país a momentos literários ou a literatura de outros países.

Tal definição nos aproxima da tarefa da comparação entre os contos, entre as literaturas de Mia Couto e João Guimarães Rosa. Tal proposição não sendo uma análise deverá ser norteada pela crítica, pela literatura comparada e seus princípios, levando em consideração os aspectos daquilo que a crítica denomina *Fantástico*, como esse aspecto aparece nos contos citados, de que forma os autores caracterizam as personagens de modo a apresentar comportamentos e situações em que a vida na sua essência mais real se afasta para dar espaço ao insólito, ao fantástico de forma que tais situações fogem a realidade.

Conceituando o termo *Fantástico*, Tzvetan Todorov (1975.p.50) enfatiza que o fantástico em primeiro lugar produz um efeito particular sobre o leitor, medo, horror ou simplesmente curiosidade, que outros gêneros ou formas literárias não podem suscitar. Em outro momento o fantástico, serve à narração, mantém o suspense, por fim permite descrever um universo fantástico que não tem por tal razão, uma realidade exterior à linguagem: a descrição e o descrito não tem uma natureza diferente.

Bidinoto (2004) utilizando a teoria de Todorov, afirma que para ser considerado fantástico, um texto deve atender a três condições: a primeira delas é fazer com que o leitor considere o mundo dos personagens como regido por leis naturais e hesite entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural para acontecimentos que, num momento, não podem ser entendidos a partir das leis naturais do mundo. A segunda condição é a de que a hesitação do leitor também seja sentida pelo personagem. A terceira é a recusa, por parte do leitor, da interpretação alegórica, bem como a interpretação poética do texto. O fantástico é constituído pela primeira e terceira condições: não existe a obrigatoriedade de que a segunda seja satisfeita.

Dessa forma seguiremos o estudo em torno das personagens categorizadas como crianças nas literaturas em destaque. Apoiados nos estudos em torno da ficção de Mia Couto e João Guimarães Rosa destacando como essas meninas se apresentam e concebem o mundo em volta.

### 3. As infâncias em Mia Couto e João Guimarães Rosa: O mundo nascendo.

A temática em torno da criança ou da infância é uma constante nas literaturas de Mia Couto e João Guimarães Rosa, vários casos permeiam suas ficções.

Em Mia Couto, destaque-se o caso do menino Kindzu da obra: *Terra Sonâmbula* (2007) e o menino Mwanito do romance *Antes de nascer o mundo* (2009), crianças que transitam num mundo já desfigurado pela dor dos adultos e assim se colocam na condição de aprendizes, ouvintes até mesmo das histórias tristes de um país devastado por guerras e pela condição de colonizados.

Na ficção brasileira, com o João Guimarães Rosa destacamos o Migulim, criança de uma sensibilidade fora do comum, imersa no seu mundo de névoas, portador de uma deficiência na visão, divide a obra *Campo Geral* (2001) em dois instantes, quando não enxerga pela impossibilidade de sua visão defeituosa, e a partir do momento em que através dos óculos, há um descortinamento e alumbramento do seu mundo, Miguilim toca e emociona o leitor, sendo a criança que acostumada à turva visão de seu mundo, passa a claridade invasiva de um mundo assustador, além do Mutum, seu mundo particular.

Sobre ser e estar na condição de criança, considere que há o tempo interior, que faz com que cada ser

cresça à sua maneira. Um aprende a falar muito cedo, mas vai andar muito tarde. Delahaie-Pouderoux (1996) ainda insiste: Mais que importância tem isso? Se um bebê permanece de quatro, por mais tempo, provavelmente tem motivos para isso: sente-se ainda muito fraco, para equilibrar-se apenas sobre suas pernas; ou, então, a posição vertical, com o olhar que alcança tão longe, o assusta. De qualquer modo, as crianças não gostam de ser obrigadas a crescer contra a sua vontade.

São crianças que apresentam particularidades em seus mundos, o conto *A menina, as aves e o sangue*, conto do Mia Couto, da coletânea, *Contos do nascer da terra* (1997) o narrador situa o leitor sobre a condição da menina, da pouca ou nenhuma saúde dessa criança, em que até o coração se negava a sua condição, bater a vida, vibrar a vida:

Aconteceu, certa vez, uma, menina a quem o coração batia só de quando em enquanto. A mãe sabia que o sangue estava parado pelo roxo dos lábios, palidez nas unhas. Se o coração estancava por demasia de tempo a menina começava a esfriar e se cansava muito. A mãe, então se afligia: roia o dedo e deixava a unha intacta. Até que o peito da filha voltava a dar sinal:

\_\_ Mãe, venha ouvir: está a bater!

COUTO (1997, P.39)

O conto vai traçando o pouco percurso de vida dessa menina, sob os cuidados da mãe que passa a observar a filha e se depara com uma situação fora dos acontecimentos normais e corriqueiros da família.

A menina teria contato com pássaros, sua mãe acorda uma noite e sente rumores de asas, a filha diz está sonhando pássaros, e que bom que sua mãe a acordou:

A mãe sortiu-se de medo, aconchegou pó lençol como se protegesse a filha de uma maldição. Ao tocar no lençol uma pena se desprende e subiu, levinha volteando pelo o ar. A menina suspirou e a pluma, algodão em asa, de novo se ergueu, rodopiando por alturas do tecto. A mãe tentou apanhar a errante plumagem. Em vão, a pena saiu voando pela janela. A senhora ficou espreitando a noite, na ilusão de escutar a voz de um pássaro. Depois retirou-se, adentrando-se na solidão do seu quarto. Dos pássaros selou-se segredo só entre as duas. COUTO (1997, P.40)

O conto apresenta esse momento de aproximação entre mãe e filha, uma situação não aceita no mundo prático e racional, uma menina que se metamorfoseia em pássaro. Situação essa aceita e plausível a partir daquilo que Todorov admite como fantástico.

Sobre pássaros é importante recorrer ao Dicionário de Símbolos, para melhor esclarecer qual simbologia teriam Chevalier & Gheerbrant (2008, p.687) descrevem várias categorias para conceituar a simbologia dos pássaros tais como; servir de símbolos às relações entre o céu e a terra. Em grego a palavra foi sinônimo de presságio e de mensagem do céu. (...) também, o pássaro se opõe à serpente, como símbolo do mundo celeste ao do mundo terrestre. De modo ainda mais geral, os pássaros simbolizam os estados espirituais, os anjos, os estados superiores do ser. Vale destacar ainda que:

A mais antiga prova da crença das almas- pássaros, está, sem dúvida, contida no mito da Fênix\*, pássaro de fogo, cor de púrpura, isto é composto de força vital, que era o símbolo da alma entre os egípcios. A fênix, duplo sublimado da águia\*, que está no cimo da árvore cósmica, assim como a serpente está na sua base, representava o coroamento da Obra no simbolismo alquímico (DURS, 135) CHEVALIER & GHEERBRANT (2008, P.689)

Os pássaros que volteiam a cama da menina, a colocam na condição de anjo, de um ser iluminado,

dotado de características de ave, essa menina evoca a simbologia dos seres espirituais.

Tal condição a aproxima da personagem de João Guimarães Rosa, do conto *A menina de lá*, da coletânea; *Primeiras Estórias* (2011). As meninas dos contos em destaque se assemelham por apresentar a categoria de fantástico defendida por Todorov e já apresentada no tópico 2 deste estudo. Além desse aspecto, são crianças que não vivem em grandes centros urbanos. Moradoras de lugares ermos atuam e são influenciadas diretamente pelos aspectos da religiosidade popular, pelos costumes e modos culturais defendidos e naturalmente repassados pelos mais velhos.

A personagem do conto *A menina de lá*, é caracterizada a partir do lugar que habita:

SUA CASA FICAVA PARA TRÁS DA SERRA DO MIM, QUASE, no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus. O pai pequeno sitiante lidava com vacas e arroz; a Mãe, urucuiana, nunca tirava o terço da mão, mesmo quando matando galinhas ou passando descompostura em alguém. E, ela, menininha, por nome Maria Nhinhinha, nascera já muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes. (...) Em geral, porém, Nhinhinha, com seus quatro anos não incomodava ninguém, e não se fazia notada, a não ser pela perfeita calma, imobilidade e silêncios. Nem parecia gostar ou desgostar especialmente de coisa ou pessoa nenhuma. ROSA (2001, P.65)

Maria Nhinhinha, criança dotada de extrema sensibilidade leva sua pequena existência a contemplar a vida, o cosmos apresentado pelo narrador como o *casacão da noite*, passava horas a observar o céu cheio de estrelas: “*Cheinhas!*” – olhava as estrelas, deléveis, sobre-humanas. Chamava-as de “*estrelinhas pia-pia*”. Repetia, “*Tudo nascendo* – Essa sua exclamação, em muitas ocasiões, com o deferir de um sorriso. Rosa (2001). Tal descrição mostra uma criança que se deleita na contemplação, que observa o mundo além do palpável, tornando-se assim uma estranha no seu próprio grupo.

A cada momento que a narração avança vamos percebendo em Maria Nhinhinha uma criança que faz presságios, inclusive o mais forte que seria o de sua morte:

Agora, precisava de mandar recado, ao arraial, para fazerem o caixão e aprontarem o enterro, com acompanhamento de virgens e anjos. Aí, Tiântonia tomou coragem, carecia de contar: que naquele dia, do arco-íris da chuva, do passarinho, Nhinhinha tinha falado despropositado de desatino, por isso com ela ralhara. O que fora: que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes... A agouraria! Agora, era para se encomendar o caixãozinho assim, sua vontade? ROSA (2001, P.69)

A história da menina que prevê acontecimentos e que tem morte tão prematura, na infância da vida nos aproxima em temática comum a menina do conto de Mia Couto:

O médico corrigiu os óculos como se entendesse rectificar a própria visão. Clareou a voz, para melhor se autorizar e disse:

—*Senhora, vou dizer: a sua menina já morreu.*

—*Morta, a minha menina? Mas, assim...?*

—*Esta é a sua maneira de estar morta.*

A senhora escutou, mãos juntas, na educação do colo. Anuindo com o queixo, ia esbugalhando o médico. Todo o seu corpo dizia sim, mas ela, dentro do seu centro, duvidava. Pode-se morrer assim com tanta leveza, que nem se nota a retirada da vida? E o médico, lhe amparando, já na porta:

—*Não se entristonha, a morte é o fim sem finalidade.* COUTO (1997, P.41)

Os aspectos de fantástico se fazem presentes em ambas as literaturas aqui analisadas. São crianças, meninas que em suas famílias apresentam um comportamento diferenciado. Seja num diálogo voltado a morte, quando naturalmente deveriam celebrar a vida.

Meninas com características de seres sobrenaturais poetizam a vida e a morte num jogo em que ambas se mesclam não determinando os limites e modos de se apresentarem. No conto de Mia Couto, aves, sangue e prenúncio de morte são temas que fazem refletir a partir de um sociocultural em a morte não é algo afastado da comunidade, mas celebrado também junto às etapas da vida, ciclo vida e morte se coadunam e fazem do conto; *A menina, as aves e o sangue* um momento de alumbramento da própria existência.

Nesse caso, temos literaturas que apresentam temas semelhantes, são crianças, meninas que no outono da vida desfalecem. Além da língua portuguesa como matriz linguística comum, os contos de Mia Couto e João Guimarães Rosa se elaboram a partir da experiência familiar, desse contato com os temas da oralidade, das histórias e da presença forte da religiosidade e elementos que aqui a partir das considerações de Todorov (2003) aludimos como o fantástico na literatura.

Assim, sobre a ficção de Mia Couto, é importante perceber que:

As personagens criadas por Mia Couto representam o mosaico colorido de Moçambique, uma nação no cruzamento de vários países. Todos estes homens, negros, brancos, chineses, indianos, gordos, velhos, deficientes, marginais, esfomeados, que povoam as suas estórias parecem na sua enorme simplicidade seres extraordinários que deambulam nos limites da vida, num espaço onde o sonho se confunde com a realidade. A morte persegue-os, mas em geral é ela que dá sentido à sua existência, que os situa no espaço sagrado (AFONSO, 2004, p.374).

Compreender as formas de conceber o mundo a partir da literatura de Mia Couto torna-se um exercício de alteridade à medida que o sociocultural diferenciado nos põe frente ao outro, as possibilidades de trocas identitárias. Fernanda Afonso delimita em seu texto os tipos sociais que povoam a literatura desse moçambicano, como um retalho colorido vai desfiando os entremeios da vida.

A morte anuncia um mundo que desfalece e ao mesmo tempo ressurgue nas histórias, nas narrativas silenciadas pela dor, pelo neocolonialismo, nas novas formas de submeter os povos à tirania dos que por séculos subalternizaram povos e nações.

Vale destacar o pensamento de Bezerra (2007, p.13) ao enfatizar que: A morte, na obra de Mia Couto é uma constante. Sendo assim, no Ocidente entendida como término de um ciclo.” A autora com base em Junod (1974) diz que para os povos de origem bantu de Moçambique, a morte não significa exatamente o fim, mas a passagem de um ciclo para outro, com o retorno ao mundo dos espíritos.

As experiências acerca da vida e da morte aproximam as personagens de Mia Couto e João Guimarães Rosa nos contos aqui destacados. São vidas que se esvaem no alvorecer da existência, também o local em que moram essas personagens as colocam em condição de comparação, vivem em sociedades rurais e afastadas das metrópoles, são meninas, crianças dotadas de qualidades fora do senso comum, portadoras de presságios até da própria morte.

Diferenciam-se à medida que Mia Couto e João Guimarães Rosa as compõe em seus territórios culturais com pertenças religiosas próprias. A menina do conto de Mia Couto mesmo ao passar pelo médico da comunidade o valor da tradição e costumes daquela mãe prevalece nos cuidados à filha que porta uma morte contínua, ao se equiparar a pássaros, a menina vai mirrando sua existência numa

morte anunciada, pois passa a ser uma estranha na comunidade, é uma morte social que a põe em desvantagem no seu grupo, passa viver num território fantástico, numa posição de estranha, apenas compreendida pela mãe:

Cada vez mais fria, a moça brinca, se aquece na torreira do sol. Quando acorda, manhã alta encontra flores que a mãe depositou ao pé da cama. Ao fim da tarde, as duas, mãe e filha, passeiam pela praça e os velhos descobrem a cabeça em sinal de respeito.

E o caso se vai seguindo, estória sem história. Uma única, silenciosa, sombra se instalou: de noite, a mãe deixou de dormir. Horas a fio sua cabeça anda em serviço de escutar, a ver se regressam a vozeria das aves. COUTO (1997. P.41-42)

Dessa forma o conto: *A menina, as aves e o sangue*, encerra deixando a marca do fantástico na personagem que em alguns instantes é elevada a condição de pássaro, sua morte/ausência da realidade é confirmada pelo médico, só lhe restando o convívio social com sua mãe, restringindo seu campo social.

A personagem do conto de João Guimarães Rosa apresenta uma morte anunciada por ela mesma, como uma santa em seu seio familiar e em sua comunidade influenciada pela religião e costumes católicos, por uma devoção típica dos recantos mais ermos do Brasil e do Brasil caracterizado pelo o autor, morre como uma pequena mártir, ou heroína, ou anjos como é de costume associar a morte de criança em idade precoce.

Referências:

BIDINOTO, Alcione. **História e mito em Cada Homem é uma raça**. Dissertação de Mestrado. UFSM. Rio Grande do Sul, Brasil.2004.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4. Ed, rev e ampliada. São Paulo, Ática, 2006.

CHEVALIER & GEERBRANT. **Dicionário de Símbolos**. Tradução, Vera Costa e Silva. 22ªed-Rio de Janeiro:José Olímpio,2008

COUTO, Mia. **Contos do Nascer da Terra**. (A menina, as aves e o sangue). 2ª ed. Editorial Caminho, S/A, Lisboa-1997.

\_\_\_\_\_ **Terra Sonâmbula**, Companhia das Letras, São Paulo, 2007

\_\_\_\_\_ **Antes de nascer o mundo**. Companhia das Letras, 2009.

CARDOSO, Marília Rothier. **Uma aprendizagem transcultural nos cadernos de Guimarães Rosa**. IN: Literatura e Cultura. (orgs) Heidrun Krieger Olinto e Karl Schollhamer. Rio de Janeiro: Ed. PUC; São Paulo: Loyola, 2003.

DELAHIE, P. Patrícia. **A criança no mundo dos adultos**. Tradução: Denise R. Vieira. São Paulo: Augustus, 1996.

De NEGREIROS, Carlos Alberto. **Mais pesado que o ar, mais leve que o paraíso: subjetividades e territorialidades na ficção de Mia Couto**. In: Griots, Colóquio Internacional de Culturas

Africanas. Anais.Org. Tânia Lima, Isabel N, Carmen A. Natal, EDUFRN, 2012.

HALL,Stuart.**Da Diáspora:Identidades e Mediações Culturais.**(Org) Liv  
Sovik.Tradução:Adelaine La Guardia Resende.Belo Horizonte:Editora da  
UFMG,2003.Col.Humanitas.

JUNOD, Henrique. **Uso e costumes dos Bantos. A vida de uma tribo do sul da África.** 2.  
ed,Lourenço Marques.Imprensa Nacional de Moçambique,1974.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias.** (A menina de lá)50. ed- Rio de Janeiro:Ediouro Lazer e  
Cultura,2001.

\_\_\_\_\_ **Campo Geral** (Manuelzão e Migulim)11ª ed,Rio de Janeiro.Nova Fronteira,2001.

TODOROV, Tzevtan. **Introdução à literatura fantástica.** São Paulo, Perspectiva, 1975.